

DOI: <https://doi.org/10.26694/ca.v1i1.11054>

EDITORIAL

Homens e mulheres são seres para a vida e não para a morte. É essa a face esperançosa do pensamento filosófico-político de Hannah Arendt. Uma esperança revestida da certeza de que somos seres capazes de instaurar o novo constantemente, ou seja, que somos capazes de romper com o fluxo inexorável e iniciar os “milagres” da condição humana.

Quando os seres humanos iniciam uma ação, efetivando suas capacidades de pôr em marcha algo novo, ou seja, quando eles atendem a condição humana da natalidade, propiciam ao mundo um novo frescor, uma força renovadora que nos convida a olhar para a frente e acreditar que as nuvens pesadas que encobrem o céu e nos forçam a viver “tempos sombrios” poderão ser dissipadas.

É com os olhos fixos na face esperançosa da natalidade que o Núcleo de Pesquisa Hannah Arendt (NUPHA) e o Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFPI apresentam ao mundo o seu “milagre”: os **Cadernos Arendt**, que, em seu primeiro número, conta com artigos de renomados pesquisadores do Brasil, da Argentina e dos Estados Unidos, além de uma resenha e da tradução de um manuscrito de Hannah Arendt, os quais apresentaremos brevemente.

O primeiro número dos **Cadernos Arendt** é inaugurado pelo artigo de Karla Pinhel Ribeiro “Violência e Poder em Hannah Arendt”. Neste, a autora explicita a distinção arendtiana entre violência e poder a partir da relação com a política e o direito. Na sequência temos “El camino hacia el ‘final del humanismo’, Crítica de la Ilustración y del Romanticismo em Hannah Arendt, de Anabella Di Pego, o qual busca esclarecer o posicionamento de Arendt em face da modernidade, demonstrando que, para a pensadora alemã, o iluminismo e o romantismo, com suas especificidades, compreendem o homem através da matriz liberal moderna. Maria Cristina Muller, em seu artigo “O voltar-se de Arendt às atividades do Espírito”. trabalha com a hipótese de que a investigação

arendtiana acerca da “vida do espírito” não constitui uma ruptura em relação ao conjunto de reflexões anteriores, mas um movimento de tentar compreender o ser humano nas dimensões ativa e reflexiva. Em “O papel da ‘Ralé’ [Mob] na perspectiva de Arendt”, de José Luiz de Oliveira, o autor investiga a aliança do capital com a ralé, a qual seria uma das origens do racismo. Daiane Eccel em “*Crises na Educação* de Hannah Arendt: continuidade e ruptura com as teorias pedagógicas dos séculos dezoito e dezenove”, propõe-se a discutir um suposto conservadorismo de Arendt presente em seu texto “Crises da Educação”. Jerome Kohn, em seu texto “Hannah Arendt: as aparências do estranhamento”, levanta a hipótese de que o homem contemporâneo abandonou a busca por um mundo humano, tornando-se estranho do seu próprio mundo. Esse dilema só poderá ser superado quando o homem se reconciliar novamente com o mundo e voltar a agir na cidade. O leitor encontrará ainda neste número a tradução do manuscrito “A busca espiritual do homem moderno”, redigido por Arendt na primavera de 1952, o qual foi resultado de intensas pesquisas dos integrantes do NUPHA. O texto apresenta uma filósofa que busca, brevemente, apontar a tarefa do pensador contemporâneo, que é descrever o clima e o panorama do que foi comumente chamado de existencialismo, que para Arendt se traduz em uma filosofia moderna. Finalizamos com uma resenha do livro “Hannah Arendt e Martin Heidegger: história de um amor”, de Antonia Grunenberg, resenhada por Thiago Dias.

Ótima leitura!

Os editores
Elivanda de Oliveira Silva
Fábio Abreu dos Passos